

APREENSÕES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Trouxeram-me o "Diário de Ana Frank", que eu ainda não tinha lido e que, ainda desta vez, não consegui ler. Não sei se devo atribuir o fenómeno à coincidência com o drama de Pasternak e com o recente aniversário do drama maior da Hungria. O fato é que não consegui prosseguir na leitura, e senti que mais uma ou duas páginas me impeliriam irresistivelmente para a rua, a procura de quem tenha sido nazista, anti-semita, totalitário, para lhe esfregar na cara a história de Ana Frank. Mas nesta altura da vida não posso dar-me ao luxo de tais manifestações. "Ó rage! O desespero! O vigilasse ennemie!" o mais que pude fazer foi sair pelas ruas estacionando o carro nos lugares proibidos. Na rua Pedro Lessa há um pedaço de calçada pintada de amarelo que é privativo dos senhores ministros do Supremo, que fica ao lado. Parei meu carro em plena zona privativa e ainda por cima expliquei ao guarda que dali não sairia e que estimaria muito se elle me multasse. Multou-me, e com os papeisinhos brancos que me deu ingressei, por quarenta cruzeiros, num mundo de agradáveis devaneios. Apesar de todos os nossos defeitos, ainda vivemos num país humano!

Mas não conclua o leitor que eu seja avesso à ordem pública e às hierarquias. Não; meu natural é ordeiro e até disciplinado, mas tenho horror, horror! às manifestações ostensivas de poder, aos privilégios, aos lugares marcados na rua, e a qualquer espécie de casta ou de aristocracia. E sobretudo te-

nho horror ao Estado que se impõe como omnisciente e onnipotente, ao Estado que proibe um Pasternak de receber o Prémio Nobel ou fuzila um Karl Ossietzky, como aconteceu na Alemanha nazista. O Estado Totalitário é o fenómeno mais odioso e mais feio da história humana.

E é por isso que não estou gostando das desavenças entre os senhores militares do exército e da aeronáutica. Concordo com a opposição que foi o sr. Ministro da Guerra que precipitou os acontecimentos e que pecou, na melhor das hipóteses, por falta de tato. Mas assim mesmo não gosto, não saboreio o que está acontecendo. Em regra geral, não havendo guerra, nós outros, os civis, queremos soldados quietos, queremos jornais sem notícias do Galeão ou de Deodoro. Até hoje, mesmo nos dias mais sombrios de nossa história política, tivemos intacta a nossa tradição civilista. Em toda a América Latina foi o Brasil o único país que, na hora de praticar a estupidez totalitária, teve um ditador civil.

Estou esperando o Presidente da República suficientemente homem para nomear um Ministro da Guerra civil e para fechar os Escritórios Comerciais no estrangeiro. Enquanto não chega esse dia glorioso, fico esperando, como a estatua do Barroso, que cada militar cumpra o seu dever. No caso, o dever é ficar quieto. E' não pretender salvar o país com uma agitação que o levaria a uma Ditadura Militar.